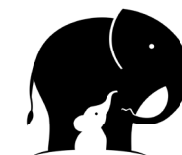


LEGADO  
**ULISSES  
ANTONIO  
CORSO**



# ULISSES ANTONIO CORSO



**LEGADO**  
HISTÓRIAS DE VIDA

Texto: Valquíria Vita  
Diagramação: **dad**esign  
Edição e Revisão: Legado - Histórias de Vida  
Fotos: Arquivo pessoal da família  
Ano: 2023

[www.historiasdevida.com.br](http://www.historiasdevida.com.br)

*"Se você sabe explicar o que sente,  
não ama, pois o amor foge de todas as  
explicações possíveis."*

**Carlos Drummond de Andrade**

## *Capítulo I*

# **“Seis ovos de galinha, seis de galo”**

**A** minha história começa na colônia. Na Linha 60, interior de Flores da Cunha, terra onde os meus avós, imigrantes italianos vindos de Belluno, se instalaram no final de 1800.

Eu nasci no dia 11 de junho de 1935, poucos anos antes da II Guerra Mundial. Morávamos na tranquila comunidade de São Bartolomeu, conhecida como Linha 60, que era constituída por uma capela (centro de tudo e ponto de encontro) e casas de 30 famílias. Mesmo estando no Brasil, todos falavam apenas italiano.

Meus pais, Alberto e Hermelinda Araldi Corso tiveram 10 filhos: além de mim, Aldemiro, Ângelo, Nair, Elia, Domingos, Volmar, Ivanor, Noemi e Nelson. Antes do meu nascimento, eles já haviam tido um filho chamado Olisses, mas ele morreu aos dois anos de idade. Deram a

mim esse nome, que foi registrado com a inicial U, apesar de a versão original, a italiana, ser com O.

Para a minha mãe, porém, o meu nome sempre foi Olisses. Tanto que quando eu estava aprendendo a escrever na escola, ela começou a reclamar ao me ver soletrando “Ulisses” e fez questão de ir conversar com a professora, dona Honorina. A professora, que achou estranha aquela reclamação, pediu que ela confirmasse a grafia na minha certidão de nascimento. E foi aí que minha mãe descobriu que eu tinha sido registrado como Ulisses.

Naquela época, e ainda mais para quem tinha 10 filhos, não sobrava muito tempo para se preocupar com coisas pequenas, como a letra inicial de um nome.

Minha mãe, uma mulher de cabelos escuros, olhos claros e estatura um pouco maior do que meu pai, cuidava de todas as tarefas de casa e das refeições da família (era uma cozinheira exemplar), além de trabalhar junto com meu pai na colônia: tínhamos 50 hectares com parreirais e uma cantina que produzia vinho. Plantávamos milho, trigo e feijão para consumo da família, fazíamos farinha de polenta no moinho, e tínhamos porcos, galinhas e vacas. Açúcar e café eram os únicos mantimentos que precisávamos comprar, e esses dois eram sagrados lá em casa.

A cada dois meses, meu pai abatia dois porcos médios que alimentavam a família por todo esse tempo. Além de consumirmos a carne, também usávamos a banha (não existia azeite — tudo era cozido assim, na banha) e fazíamos salame, codeguim e morcilha. Tínhamos mais

de 200 galinhas, então, sempre tivemos comida em abundância na casa. Era só matar um frango!

Na família, as cinco refeições eram tradicionais. E sempre nos mesmos horários: café da manhã antes de sair para a colheita, às 6h; colazione (um lanche da manhã), às 8h; almoço, ao meio-dia; merendim (pão, salame, queijo e café), às 16h; e jantar, às 19h.

A nossa vida era isso. Uma casa (bem) cheia, com 10 filhos — que, mais tarde, trouxeram seus cônjuges para viver sob o mesmo teto, aumentando ainda mais a quantidade de moradores —, muitas refeições em família e, principalmente, bastante trabalho. Aos sete anos, como era de costume na colônia, eu já estava trabalhando também. Mas eu nem entendia bem o que era isso. Só sabia que era isso que meus pais e todos os meus irmãos mais velhos faziam, então, era o que eu deveria fazer também.

A principal parte do trabalho era no cultivo das uvas. Então, metade do dia eu estava na escola, e a outra metade, com a enxada embaixo do parreiral. Mais tarde, com 11 anos, deixei a enxada de lado e comecei a aplicar sulfato nos parreirais, com aquela máquina nas costas (fui “promovido” a esse serviço, vamos dizer assim). Também cuidávamos das outras plantações das nossas terras, dos animais e íamos a cavalo até o moinho, carregados de sacos de milho, para moer farinha para a polenta. Era uma rotina que exigia bastante esforço físico.

A casa de madeira, que ficava nas terras que meu pai havia ganhado do meu avô, era de dois andares: embaixo,

ficava a cantina, em cima, morava a família. Guris dormiam em um quarto (havia três camas de casal no nosso quarto, que dividíamos) e gurias, em outro.

Não tínhamos banheiro dentro de casa. A solução era manter um penico embaixo da cama, para quando alguém precisasse usá-lo durante a noite. De dia, usávamos o “banheiro” que ficava lá fora, um cercadinho de madeira. Para tomar banho, usávamos um tambor com água fria. É claro que o banho não era uma prática diária, especialmente no inverno. Digamos que ele acontecia apenas nos finais de semana...

Eu era bastante ingênuo. Lembro que quando eu tinha uns seis anos de idade, minha mãe me mandou até a casa de uma comadre pedir uma dúzia de ovos emprestada. “Meia de galo, meia de galinha”, ela me disse. E eu fiz exatamente o que ela me mandou! Cheguei lá e repeti a frase, sem perceber que galo não bota ovo. E a comadre entrou nessa brincadeira. Embrulhou os ovos em palha de milho e me entregou dois pacotes: “Aqui estão os seis ovos de galinha, e aqui, os seis de galo.” Os meus irmãos riram demais com isso, e por muito tempo, repetiam: “Mãe, toda vez que a senhora precisar de ovos, manda o Ulisses, que ele traz dos dois tipos!”

Eu e meus irmãos nos dávamos bem. Também não havia muito espaço para se comportar mal, já que os nossos pais, como todos os descendentes de italianos, eram bem rígidos e nos faziam andar na linha. Meu pai e minha mãe, definitivamente, não eram muito

sorridentes. Mas eram pessoas que conversavam e que tinham paciência para explicar aos filhos como as coisas funcionavam.

Não tenho memórias de muitas brincadeiras da minha infância. Era uma época diferente. Lembro de ter sido matriculado (“registrado”, a gente chamava) na escola municipal, aos sete anos, e lá sim, nos intervalos de 15 minutos, brincávamos de pedrinhas. Era tudo muito simples.

Eu era um bom aluno. Não faltava aula, prestava atenção na professora Honorina (uma pessoa rígida, que dificilmente sorria), era bom em matemática, tirava sempre notas de 8 a 10. A escola da comunidade ia apenas até o quarto ano e era até ali que ia o nosso estudo.

Chegou a existir um momento em que eu quase fui estudar em Pelotas, para ser Irmão Marista. Mas isso não chegou a se concretizar. O que não impediu meus irmãos de zombarem de mim pela simples ideia de me verem de “saiote comprido” voltando para casa para visitar.

Lembro de um episódio na escola, logo no início dos meus estudos: uma diretora de Flores da Cunha (que, perto de São Bartolomeu, parecia cidade grande) veio nos visitar e nos aplicar um ditado. Justo para nós, alunos da comunidade de colonos que quase nada sabíamos de português (foi no colégio que tivemos o primeiro contato com o idioma). A frase que devíamos escrever era: “A Oldina não foi para a escola ontem”. Lembro que a gente ficou se perguntando, “Mas como é que se faz o ‘dgi’?”

Aquela diretora ia para lá e para cá na sala de aula e ninguém escrevia nada, porque não sabíamos como! Até que a nossa professora ajudou.

Eu acho que gravei esse ditado na memória até hoje por causa do nome: Oldina. Eu não sabia escrever aquele nome na época, mas aprendi. E ele foi, provavelmente, o nome que eu mais escrevi e pronunciei em toda a minha vida. Mas vamos chegar nessa importante parte da história no próximo capítulo...

Além do ditado mais difícil de nossas vidas, também me recordo de uma peça de teatro que fizemos no colégio. Tinha até palco e cortina para a apresentação. Percebiam que o tema da encenação tinha muito a ver com a época em que estávamos inseridos. Um aluno fazia o papel de pai, eu, de filho, e outro colega, de mediador do conflito que passávamos. Na história, meu pai não queria deixar a minha parte da herança. O meu personagem, revoltado com isso, pegava uma faca e ameaçava matá-lo (detalhe: eu tinha nove anos.) O mediador dizia: "Olha, que Deus te vê!"

Não lembro porquê, nesse enredo, lá pelas tantas, eu tinha que desmaiar. A professora havia combinado comigo que era para eu fingir o desmaio e ficar deitado no chão, até que ela viesse me levantar, no final da peça. Só que eu desmaiei tão bem que meu pai e outras pessoas que estavam sentados nas cadeiras da frente acharam que era real, e vieram me levantar e me abraçar. Eu levantei e foi aquele aplauso, aquela comoção.

Mas a minha experiência com teatro foi apenas essa. Na verdade, apesar do desmaio convincente, eu não servia para ator. Eu sempre fui uma pessoa musical.

Aos 11 anos de idade, em 1946, entrei junto com o meu pai, para o Coral São Bartolomeu da Linha 60. Eu, ele e mais dois homens (um deles, inclusive, meu futuro sogro) fomos convidados para cantar Feliz Ano Novo, em italiano, para toda a comunidade.

*O felice, o chiara notte,  
di quel lume sei feconda,  
ma l'è l'aurora più gioconda,  
più ridente del mattin.*

A música começava assim. A partir da meia-noite, nós passamos na porta de cada uma das 30 famílias, cantando. Cada família que nos recebia, acendia o lampião, nos oferecia café com biscoitos, algumas moedas e nos desejava um Feliz Ano Novo, em italiano. Só acabávamos ao amanhecer.

Fizemos isso durante uns quatro anos. Com o dinheiro que ganhávamos, organizávamos uma confraternização: matávamos uns sete frangos e fazíamos carne lessa e massa fina. Ficávamos tão contentes com isso... não apenas por ter tido a honra de cantar para a comunidade, mas por poder celebrar com eles depois.

Com o coral, também cantávamos em missas. Chegamos a ser cumprimentados pelo bispo da época:



“Como é que vocês cantam tão bem assim?”, ele perguntou, certo dia, ao apertar a mão de cada um de nós. Foi uma emoção muito grande para nós, sermos elogiados pelo bispo. A verdade é que a gente ensaiava muito para cantar bem.

E eu gostava de cantar. Cantei ainda no coral de Nossa Senhora das Neves da Linha 40, nos anos 1970, junto com meu irmão Volmar e, também com ele, já nos anos 80, participei do Coral do Pio X.

Tínhamos uma vida muito religiosa. Toda a comunidade se reunia aos domingos, às 16h para rezar o terço. Íamos à missa, e uma vez ao mês, após a cerimônia, fazíamos uma confraternização.

Convivíamos muito com as outras famílias da região e, como cada uma produzia algum tipo de alimento ou criava algum animal, nós fazíamos trocas de produtos. Uma família ajudava a outra. Cada vez que matávamos um porco, dávamos uma costela para o vizinho. Depois, quando fosse a vez dele matar um, ele fazia o mesmo. Quando matávamos um boi também, era dividido. Não fazia sentido manter tudo em uma casa, especialmente porque não tínhamos como conservar, em uma época sem geladeira.

Nesse cenário de tanta proximidade entre vizinhos, claro, todo mundo sabia tudo de todos. Um dos acontecimentos mais falados na comunidade foi o dia em que meu pai e meu futuro sogro saíram da missa em Flores da Cunha e começaram a conversar em italiano,

como estavam acostumados. Mas estávamos no governo de Getúlio Vargas, durante a Campanha de Nacionalização do Estado Novo, que proibia o idioma. A Brigada Militar, ao ouvir o italiano sendo falado em público, os levou para a cadeia (foram um pouco longe demais, né? Poderiam só ter dado uma advertência). E lá eles ficaram até que Frei Eugênio foi conversar com o inspetor de polícia: “Por que vocês ‘me botaram’ esses colonos na cadeia? Eles não sabem nem falar português!” Eles foram liberados, mas essa história foi contada por muitos e muitos anos.

À noite, escutávamos rádio em família. Ouvíamos A Voz do Brasil, programa que havia surgido em 1935. Lembro que um tio mais estudado, quando nos visitava, dizia: “Um dia, vocês vão ver a pessoa que fala ali dentro da caixa”, se referindo à televisão. Para nós, da colônia, aquilo era algo impensável. Mas nos anos 50, a televisão chegou e foi uma grande novidade na família. No início, não pegava muita coisa, eram pouquíssimos canais. Mas para mim, eram suficientes. Tinha um programa que a gente adorava, com dois humoristas, um gremista e um colorado. Eles discutiam futebol e nós ficávamos entusiasmados. Dormíamos cedo: às 20h30, já estávamos na cama.

Eu adorava futebol! Na adolescência, eu jogava no Clube São Luiz, em Flores da Cunha (também joguei no Duque de Caxias e no Rosário). Certo dia, fomos convidados para fazer o jogo preliminar para a partida de Juventude e Grêmio, em Caxias do Sul, no Alfredo

Jaconi. Na segunda-feira seguinte daquele jogo, Piccoli, presidente do Juventude, foi até a minha casa para me convidar para jogar no clube. Imagine: eu, um guri que jogava futebol amador no São Luiz, no interior, sendo convidado para jogar em Caxias do Sul! Se Flores da Cunha já era considerada grande coisa por nós, Caxias, então, nem se fala!

É claro que aceitei. Comecei as viagens a Caxias todas as terças e quintas, para treinar. Mas quando chegou a hora de assinar o contrato, eu acabei desistindo da proposta. Não era muito dinheiro. Era, como se fosse hoje, R\$1200. O meu pai me aconselhou a não seguir. Disse que eu corria o risco de me machucar. Além disso, com esse salário, segundo ele, era melhor eu cuidar do parreiral. Fiquei na colônia. Será que se eu tivesse seguido no clube, minha vida teria sido diferente? Perguntas que nunca saberemos responder...

O meu destino não estava escrito para o futebol. Tinha a ver com dirigir (de novo, chegaremos neste assunto em breve...) Mas aproveito para contar que foi lá por volta dessa idade, na adolescência, que meu irmão, Domingos, me ensinou as primeiras noções de direção. Ele e meu pai dirigiam a carreta e transportavam mercadorias da colônia. Então, com eles, aprendi o básico. Mas eu aprendi a dirigir mesmo quando passei um mês em Caxias, na casa de meu outro irmão, Aldemiro, que tinha uma caminhonete e me deixava usá-la. Aprendi, literalmente, na prática. E prática na direção eu teria bastante nos próximos anos.

Brasão da família Corso.



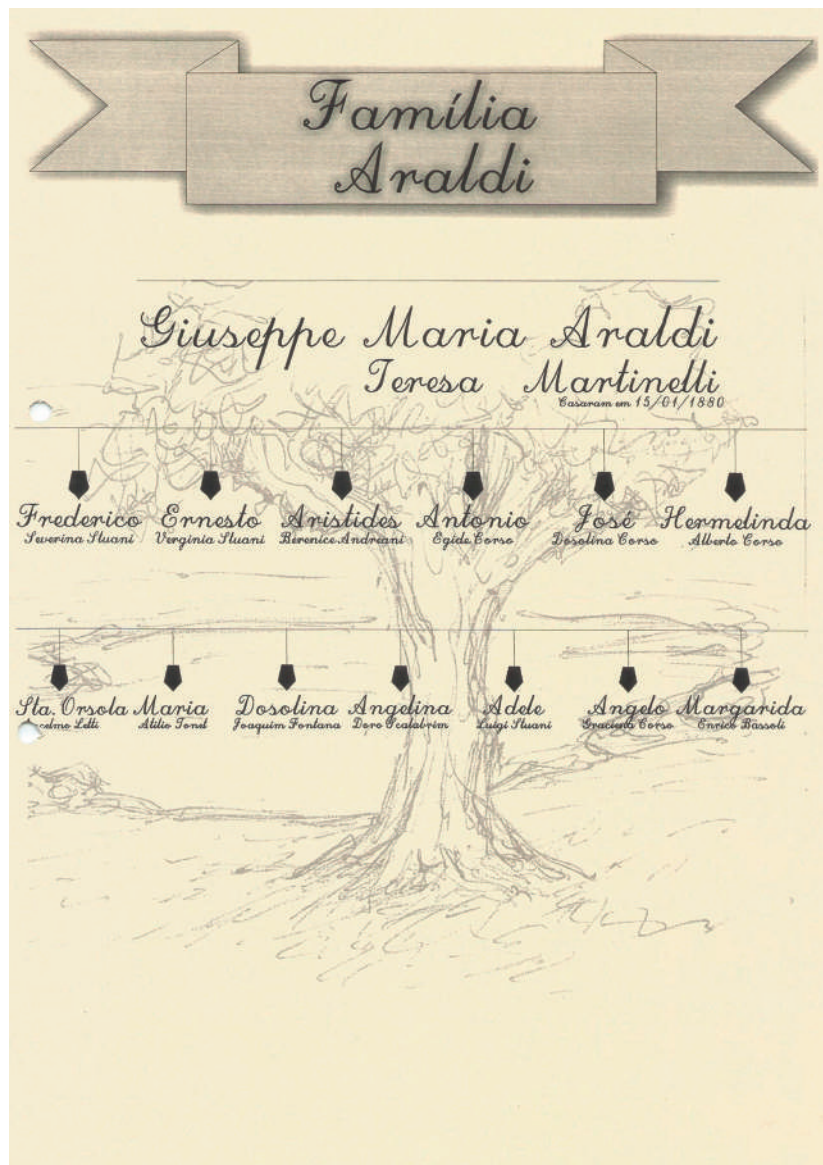
Origem da família Corso.



Árvore genealógica da família Corso.



Árvore genealógica Família Araldi (1).



Árvore genealógica Família Araldi (2).

O pai,  
Alberto Corso.



A mãe,  
Hermelinda Araldi Corso.



Com meus pais e meus irmãos.

Meu pai, Alberto Corso, à esquerda do futuro sogro, Cândido Bedin (no centro, com a bola), em 1920.



Casa da família Corso, Linha 60.



Capela de São Bartolomeu da Linha 60.



Cantina da família Corso.



Com minha mãe e meus irmãos.

## *Capítulo II*

# **O amor da minha vida**

**A** minha vida e a de Oldina sempre estiveram conectadas. Nós crescemos juntos, na mesma comunidade de São Bartolomeu. Hoje, as histórias envolvendo a minha família, os Corso, e a família dela, os Bedin, chegam a se confundir.

Nós fomos criados praticamente juntos. Íamos para a mesma igreja, as mesmas confraternizações de comunidade, a mesma escola e até chegamos a ser colegas de sala de aula, mesmo ela sendo três anos mais nova do que eu (naquele tempo, era tudo misturado.)

O nosso romance começou quando eu decidi fazer uma serenata. Vejam que história interessante... não é todo mundo que pode contar um episódio assim! Quando eu era adolescente, estava já de olho na Oldina. E ela estava de olho em mim também. E quando digo “de olho”, era só isso mesmo. A gente se dava uma olhadinha casualmente.

Pensei muito em o que poderia fazer para chamar a atenção dela. Porque queria que a minha paixãozinha fosse retribuída, claro. Decidi recorrer aos meus talentos musicais. Na verdade, eu nem sei se era bem talento... acho que era mais coragem mesmo.

Pedi para o meu pai me comprar uma gaita e aprendi a tocá-la. Após dois meses de prática e algumas dicas do vizinho, senti que estava pronto.

Era uma sexta-feira à noite. Por volta das 21h, fui até a casa de Oldina (que ficava a 2 quilômetros de distância da minha casa), e performei, com minha gaita, o clássico Beijinho Doce, das Irmãs Galvão.

*Que beijinho doce que ela tem  
Depois que beijei ela  
Nunca mais amei ninguém*

*Que beijinho doce foi ela  
Quem trouxe de longe pra mim  
Se me abraça apertado, suspira dobrado  
Que amor sem fim*

*Coração quem manda  
Quando a gente ama  
Se estou junto dela  
Sem dar um beijinho coração reclama*

Infalível, né? A verdade é que eu sabia tocar uns  $\frac{3}{4}$  da música. O resto, eu improvisei. Eu toquei bem embaixo da janela que sabia que era do quarto de Oldina e das (muitas) irmãs que ela tinha. Quando elas perceberam (“Olha que é o Ulisses lá embaixo!”), a família abriu a porta para mim. E com isso, minha entrada oficial na família Bedin estava feita.

Sentei-me com Oldina e com os pais dela e pedi a permissão deles para namorá-la. “Sim, vamos aceitar,” eles disseram prontamente. Acho que já imaginavam que algo assim iria acontecer, não foi uma surpresa para ninguém. Nossas famílias já eram muito próximas (lembrem que tínhamos cantado juntos no coral e nossos pais até já tinham sido presos?) Mas eu confesso que estava aliviado. Precisou coragem para fazer aquela serenata. Já pensou se alguém jogasse um penico cheio janela abaixo? Era uma possibilidade. Mas, felizmente, isso não aconteceu.

Eu também sabia que tinha concorrência. Outros rapazes da comunidade queriam namorá-la. Ela tinha pelo menos mais dois pretendentes. Um deles, vizinho de colônia, para chamar a atenção dela, colocava o nome “Oldina” em uma maçã ou em uma pera. Mas a Oldina não se interessava, porque ele vinha de uma família de 18 pessoas, o que ela achava demais. No fim, eu que consegui conquistá-la. Provavelmente, foi a serenata com a gaita. Para comemorar, naquela noite, eu, ela e os meus futuros sogros tomamos café com biscoito.

Era 1955 e com Beijinho Doce, nosso namoro começou. Naquele tempo, os beijinhos (reais, não da música) demoravam bastante para acontecer, e eram muito tímidos. Namorávamos apenas nas sextas à noite e nos domingos (quando deixavam a gente esticar um pouco mais, mas no máximo até as nove da noite), na casa dela, sob a supervisão dos pais ou de algum irmão.

Nós namoramos até 1959 e nesses quatro anos, eu jantei na casa dela 95% das noites de domingo. Quando dava, eu voltava para casa com a caminhonete do meu pai. Mas como era apenas uma caminhonete para vários irmãos, nós tínhamos que nos dividir. Então, na maioria das vezes, eu voltava para casa caminhando mesmo — o que levava uma hora. Mas valia a pena.

A Oldina gostava muito mais de bailes do que eu. Nós íamos a alguns matinês dançantes (um pequeno baile durante a tarde), participamos dos almoços e festas da nossa comunidade ou de comunidades vizinhas, Linha

40, Linha 80 e Otávio Rocha. Isso, claro, acontecia uma vez por ano só. Então, não era uma vida social muito agitada. O que por mim, tudo bem. Porque o meu negócio sempre foi futebol.

No terceiro ano de namoro, nós noivamos. Estávamos jantando na casa dela e eu disse para o seu Cândido, meu sogro: “Olha, eu e a Oldina estamos planejando nos casar.” “Podem casar já, sim. Tem a data?”, disse ele, prático. Foi o seu Cândido mesmo que sugeriu o dia: 29 de maio de 1959.

Casamos na Capela São Bartolomeu, local onde passamos grande parte da nossa juventude. Fui até a capela dirigindo a caminhonete da família, com meu pai e minha mãe no banco da frente. Cheguei e dei um beijinho na Oldina. Eu estava muito feliz. Imagina, me casar com a mulher que eu amava? Eu tinha 24 anos e ela 21.

A cerimônia do Frei Eugênio foi realizada às 16h. Depois, pegamos carona na Kombi de um primo de Vacaria até Caxias, onde fizemos as fotos no Studio Geremia, o mais tradicional da região. Enchemos aquela Kombi com familiares. Na volta, a comemoração seguiu com um jantar no salão da nossa comunidade para família e convidados mais próximos. Comida colonial: sopa de agnoline, carne lessa, galetto, macarrão, maionese, salada e vinho. Depois, chegaram os amigos para o baile, que durou até as 22h30 — não até a madrugada, como dura hoje.

Naquele tempo, era comum que quando um casal formalizasse a união, mesmo assim, ele continuasse



morando na casa de uma das famílias. No nosso caso, como a casa de Oldina já estava muito cheia (ela tinha 14 irmãos!), nós fomos morar com meus pais. Ficamos lá por um ano e meio.

Nosso quarto teve móveis Florense montados pelo próprio Lourenço Castellan, fundador da empresa. Ele chegou sozinho, com uma Chevrolet Brasil, afinal, eram poucos móveis. Uma cômoda, um roupeiro, uma cama e dois bidês.

Segui trabalhando nos parreirais. Até que eu tive a ideia de começar a viajar. E meus capítulos de colônia ficaram para trás.

Família da Oldina. Na foto, ela com 10 anos.



Pais da Oldina, meus sogros, Ema Andreazza Bedin e Cândido Bedin.



Animado para tocar a gaita.

Casa da família Bedin, Linha 60.



O casal se formava.

Já noivos.



O casamento em 1959.

Comemoração dos 10 anos de casados.



Registro de 35 anos de casamento.



Rodeados pela família, no aniversário de 45 anos de casados.



A alegria na celebração dos 50 anos de casados.

Bodas de Ouro.



Bodas de Diamante.

Sempre juntos no timão



Durante viagem à Itália, na cidade de Verona, encontro com Julieta, da obra de William Shakespeare.

### *Capítulo III*

## **Quase 20 anos na estrada**

**A** história foi assim. Em 1946, quando eu tinha 11 anos, meu futuro cunhado, Raul Bedin, irmão da Oldina, começou a viajar como caminhoneiro. Ele chegou, na Linha 60, com um caminhão Chevrolet ano 1946, e, lá, naquela época, a maioria nunca tinha visto um caminhão. Isso despertou o interesse, inclusive do meu irmão mais velho, Domingos, que logo começou a viajar também. Foi ele quem me incentivou a ser caminhoneiro. Inclusive, quando eu tinha 19 anos, viajei com ele a São Paulo e, durante a viagem, meu irmão foi me dando dicas sobre o caminhão e sobre as estradas. Passei então a fazer pequenas viagens com a caminhonete do meu pai.

Foi só em 1960, quando eu já estava casado, que meu cunhado Raul, irmão da Oldina e dono da Panex, convidou a mim e a meus outros irmãos para sermos caminhoneiros e sócios na transportadora. Ele me deu 1% da sociedade e compramos meio a meio um caminhão-tanque FNM (popularmente chamado de Fenemê) importado da Itália para transportar vinhos da Cooperativa Santo Antônio, onde também éramos sócios, para Poços de Caldas, Minas Gerais. Trabalhei também para a Cooperativa Forqueta e, em 1963, compramos mais um caminhão em sociedade, um Mercedes, e contratamos mais um motorista. Foi assim que adquiri experiência para, anos depois, montar a minha empresa.

Como a Panex estava crescendo e eu precisava investir mais, em 1964 vendi a minha parte e, com o dinheiro, comprei um caminhão novo, um modelo melhor, da Scania. Era de carroceria já que o modelo pipa não estava dando muito retorno financeiro. Com ele, comecei a viajar para mais longe e não transportava mais vinho, mas, sim, cargas fracionadas.

Uma das primeiras cargas que eu carreguei com este caminhão foi em 1964, de Caxias do Sul para Teresina, no Piauí. Até então, eu nunca tinha nem sequer passado de São Paulo! Teresina era um mundo de distância disso! E além de longa, era uma viagem difícil de fazer. De Feira de Santana, Bahia, até Teresina, havia 1.600 quilômetros só de estrada de chão. Mas sobrevivemos. Ao chegarmos lá, mais um trabalho. Nos disseram que havia uma carga

para Caxias. Opa, de volta para a nossa cidade! Mas era Caxias no Maranhão, município que ficava localizado do outro lado do rio de Teresina.

A mais longa das minhas viagens foi essa, de Teresina, mas fui muitas vezes para o Nordeste: Fortaleza, Salvador... Viajar para lá, por causa da distância, era muito rentável. Eu não gostava de perder tempo! Ficava parado na cidade de destino apenas o tempo suficiente para recarregar o caminhão e voltar com uma nova carga.

Para essa viagem, levamos dois barris de 40 litros de água no caminhão. Naquelas estradas, na época de seca, não se encontrava nem água. Nós levávamos mantimentos também e fazíamos comida na hora das refeições. Ou então, comprávamos algo nos restaurantes de beira de estrada — quatro ou cinco bifes para cozinhar mais tarde. Para isso, tínhamos um fogareiro com botijão de gás.

Eram viagens emocionantes, onde se avistavam quilômetros de sertão e, às vezes, se atravessava rios de balsa. Em alguns pontos, era tudo tão calmo que demorava 400 quilômetros para aparecer um posto de gasolina.

Essas viagens mais longas, como eram mais perigosas, eram sempre feitas em dois motoristas, então, eu sempre estava com alguém. Passávamos semanas fora de casa, mas nunca viajávamos durante a noite. Todo o trajeto era percorrido durante o dia, quando era mais seguro nessas estradas desertas do sertão. À noite, parávamos para dormir no caminhão estacionado em algum posto (os veículos eram sempre de cabine leito, então, dormíamos

bem). Tive a sorte de nunca ter sido assaltado. E nunca me envolvi em nenhum acidente.

Em meados de 1965, voltei a trabalhar com caminhão-pipa transportando vinho. O mês de agosto desse ano ficou marcado na história pela grande quantidade de neve que caiu na nossa região e pela enchente que provocou a queda de duas pontes no rio Pelotas, na BR-116, divisa entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, deixando o nosso estado isolado do resto do país por um bom tempo. Nessa época, eu estava fazendo fretes entre RS e PR e fiquei impossibilitado de voltar para casa até que o Exército fizesse uma ponte provisória flutuante para os caminhões passarem. Mesmo assim, a fila era de dois dias para conseguir passar, pois, se a maré subisse, o tráfego era interrompido. Como minha filha Ana tinha nascido em 4 desse turbulento mês de agosto, eu só fui conhecê-la quando tinha quase um mês.

A vida na estrada era cansativa, mas tinha seus momentos relaxantes. Lembro de muitos dias em que, após o almoço, nos deitávamos na beira da estrada, em uma sombra, com a porta do caminhão aberta e as pernas de fora, para descansar. Até conheci, certa vez, a fábrica da famosa Cachaça Pitu.

Também teve seus momentos inusitados. Em 1965, eu precisei levar uma carga de charque, de Dom Pedrito, RS, até Recife, PE. Chegando lá, enquanto eu estava descarregando no depósito, chegaram dois caras dizendo: "Ô, gaúcho. Nós temos uma carga boa para tu

levar a São Paulo. Um pau de arara!"

Eu não sabia o que era isso, mas aceitei. Logo, descobri. Naquela época, o Sudeste do Brasil precisava de mão-de-obra para as fábricas e o Nordeste mandava os seus trabalhadores. Então lá estava eu, com meu caminhãozinho, transportando 40 dessas pessoas, de Recife a São Paulo, sentadas em cima da minha carroceria.

Para aquela viagem, a prefeitura arrumou lonas e bancos para serem usados a cada parada de descanso. Nós viajavamos das 6h às 18h, e não se podia passar de 60km por hora, pois a cada freada, todos se amontoavam. Então, íamos sem pressa. À noite, nós parávamos e eles montavam lonas e colchonetes para dormir na carroceria. Normalmente, essa seria uma viagem de duração de quatro dias, mas levamos seis, por causa da velocidade. Foi uma viagem interessante! Além de ter rendido essa história que eu conto até hoje, foi um "fretão" de 6 mil cruzeiros. Três mil quando carreguei as pessoas no Nordeste, três mil quando as deixei em São Paulo.

Outra viagem inesquecível — essa, por conta das diferentes culturas — foi uma das idas a Fortaleza. Eu e um colega motorista, também gaúcho, decidimos pedir um galeto em um restaurante. "Vocês querem galeto quente ou frio?", perguntou o garçom. Obviamente, respondemos que o queríamos quente... mas ele não estava se referindo à temperatura. O galeto "quente" chegou cheio de pimenta. Não conseguimos nem comer. Mas tivemos que pagar. E aguentar as gozações dos que assistiam à cena

dos gaúchos que não entendiam os pratos típicos.

Eu adorava viajar, mas o que eu mais gostava era chegar em casa e contar essas histórias à minha mulher. Eu também sempre levei a ela presentinhos de todas as minhas viagens, especialmente panos bordados do Nordeste - depois, com os filhos, eu comecei a trazer presentes para eles das minhas viagens também. Trazia bonecas e joguinhos dos lugares onde passava. Uma das minhas filhas, Ana, queria que eu trouxesse um macaco. Mas só o que consegui encontrar foi uma tartaruga, que encontrei atravessando a estrada certo dia. Tempos depois, a Oldina deu fim naquela tartaruga de estimação, porque ela comia todos os alfaces da plantação da casa.

Apesar de eu ter passado muito tempo na estrada, a Oldina sempre compreendeu que este era o meu trabalho, necessário para sustentar a nossa família. Entre uma viagem e outra, eu ficava dois, três dias, no máximo, em casa, descansando. Estava sempre quitando algum caminhão que eu havia financiado, então, eu tinha que aproveitar todas as oportunidades de cargas que apareciam, porque todo fim de mês, tinha aquela prestação pesada para pagar (não dava para atrasar, porque se duas ou três prestações vencessem, perdia-se o caminhão). Férias, obviamente, não era algo que fazia parte do meu vocabulário. Praia no verão, também não. Eu estava sempre trabalhando, porque se eu não viajasse, eu não ganhava.

Os caminhões foram um capítulo à parte da

minha carreira, pois foram tantos... Eles sempre foram melhorando! Fui trocando por modelos melhores e seguindo as viagens, com mais espaço de carga, e mais conforto para mim, quando possível. E assim foi até 1973, quando eu resolvi começar uma empresa. Nessa época eu já tinha mais de um caminhão ao mesmo tempo (um Scania e um Mercedes) e um motorista que trabalhava para mim. Foi o início da RodoCurso.

Com a RodoCurso, eu comecei a viajar bem menos e a me concentrar na transportadora. Em algumas viagens, eu até acompanhava algum motorista a São Paulo, para visitar as empresas e conversar com os clientes. Sempre achei importante ter esse relacionamento próximo, mesmo quando eu parei de fazer as entregas. Mas aquela rotina de estrada, semana após semana, encerrou-se para mim, oficialmente, em 1978. Eu gostava, e gosto ainda, muito de dirigir. E para mim, ser caminhoneiro era isso: paixão por dirigir. Mas àquelas alturas da vida, eu já tinha dirigido bastante. Estava com 43 anos e já tinha conhecido 15 estados do Brasil de caminhão.

O primeiro escritório improvisado da RodoCurso foi na minha casa mesmo. No início dos anos 80, a administração passou para um outro local. Aos poucos, a quantidade de caminhões foi aumentando. Tudo era muito planejado, como eu aprendi com meus pais. Nunca dei o passo maior que a perna. Os caminhões eram todos financiados, após o pagamento de uma entrada. E, quando dava, comprava-se um melhor. Assim fomos levando. A cada dois ou três

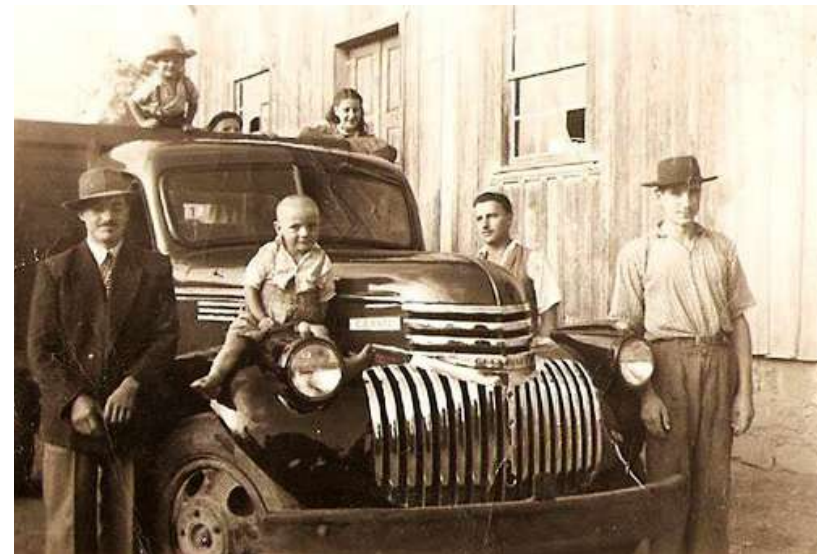
anos, comprávamos mais caminhões e íamos renovando eles, para não ficarmos com veículos velhos. Porque não é preciso só aumentar a frota, é preciso renová-la. Chegamos a ter cinco caminhões, depois, 12... Hoje, temos 25.

O meu filho mais velho, Celso, que estava na faculdade estudando contabilidade, começou a trabalhar comigo na organização da transportadora nos anos 80. Chamei-o porque sabia que ele já estava tendo noções de contabilidade, o que seria útil para a empresa. Eu tinha a prática na estrada, conhecia todas as rotas e sabia lidar com os clientes, mas havia estudado apenas até a quarta série, em São Bartolomeu. Celso não só trouxe boas noções de financeiro para a RodoCurso, como a administra até hoje, junto com a minha neta, Mariana.

O Celso também sempre foi muito pé no chão, e isso foi essencial para que a empresa seguisse firme. A RodoCurso, especializada em transporte de cargas líquidas, graças a muito esforço, sempre deu certo e nunca passou por uma crise grave. Tínhamos bastante conhecimento dos caminhões e do mercado, então, todas as escolhas, inclusive de marcas dos veículos, foram bem pensadas.

A sede da empresa, que começou na minha casa, hoje fica em Flores da Cunha, próximo de onde a minha história teve início. O começo, como tudo, foi bem mais sofrido. Depois, as coisas começaram a dar certo, e a RodoCurso cresceu de uma forma que eu não tinha imaginado. Minha vontade de dirigir, que começou lá na colônia, deu muitos frutos! E o melhor: vai durar além de mim.

Oldina na carroceria do caminhão do Raul, meu futuro cunhado, no final dos anos 1940.



O primeiro caminhão, um FNM.



O segundo caminhão, um Scania.



Queda da ponte sobre o rio Pelotas, divisa entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, devido à enchente de agosto de 1965.



Ponte provisória construída pelo Exército: só assim pude voltar pra casa e conhecer minha filha recém-nascida, Ana Beatriz.

Sede da RodoCorso.



Caminhões da empresa, hoje em dia.



Homenagem prestada pela família e colaboradores da RodoCorso.

## Capítulo IV

### Filhos e netos

**N**esses anos todos como caminhoneiro, eu percorri incontáveis quilômetros e passei muito tempo fora de casa, longe de Oldina. Mas enquanto as viagens aconteciam, muitas coisas também aconteciam na nossa vida familiar.

Nós nos mudamos de casa logo que eu comecei a viajar. Em 1961, saímos da casa dos meus pais, na colônia, e nos mudamos para a residência do meu sogro, em Caxias. Vivemos com eles até 1979.

A Oldina me acompanhou em algumas viagens de caminhão ao longo dos anos. Em uma delas, inclusive, estava grávida do nosso segundo filho, Celso, em 1961. Fomos para Poços de Caldas. Foi decisão dela me acompanhar nessa viagem mais longa, até Minas Gerais, porque sabia que, quando a gente começasse a ter filhos, ficaria muito mais difícil que isso acontecesse. Então, aquela era a última oportunidade que tínhamos em muitos anos. Mas não foi uma viagem divertida. O caminhão era velho e barulhento, a estrada era difícil (a maior parte do trajeto nem era asfaltada), a carga era demorada para ser descarregada e o tanque precisava ser lavado com sabão. E a Oldina...

bom, a Oldina estava grávida. Foi sofrido! Levamos nove dias para completar aquela viagem, e quando ela chegou em casa, disse que preferiria voltar para a colônia e capinar na roça do que repetir uma experiência dessas.

Nosso primeiro filho foi o Antônio, que faleceu logo após o nascimento, em 1960. Celso nasceu em 15 de março de 1962. Ele foi o segundo dos cinco filhos. Pouco mais de um ano depois, veio Isabel, em 5 de setembro de 1963. Ana nasceu em 4 de agosto de 1965. Após alguns anos de intervalo, nasceu a filha mais nova, Simone, em 27 de fevereiro de 1973.

Eu acompanhei mais a infância da Simone, que foi mais tarde, quando a minha rotina já estava mais tranquila. Quando nasceram os outros quatro, eu estava sempre na estrada. Chegava em casa e tinha um nenê! Mas eu ficava tranquilo, porque sabia que a Oldina estava sempre acompanhada da mãe, além da minha irmã (que se casou com o irmão dela) e morava na casa ao lado.

Não era uma época que existia telefone, muito menos celular, então, a gente tinha muito pouca comunicação enquanto eu estava fora. Mas era uma emoção chegar em casa e ver que a família estava aumentando. Eu sempre gostei muito de crianças, então, para mim, ter me tornado pai (e pai de quatro filhos!), foi algo muito bom.

A Oldina ficou responsável pela criação dos filhos e a administração da casa. Além disso, ela se envolvia em outras coisas também. Em 1970, eu e um dos irmãos dela, Bruno, resolvemos construir um edifício. Como eu viajava,

foi a Oldina que administrou toda a obra, que durou três anos. Ela que decidia se estava na hora de comprar tijolo, trazer mais cimento e tudo mais que envolve o cansativo processo de uma construção. Nós não moramos neste prédio, mas sim, em outro que construímos, anos mais tarde, no bairro São Pelegrino. Foi lá, neste prédio de três andares, que vivemos após sair da casa do lado do meu sogro. Nessa nova casa, tivemos mais liberdade — e mais espaço também, para viver com as três crianças, que, a essas alturas, nem eram mais crianças.

Orgulho-me muito do meu casamento com Oldina. Não lembro de termos discutido, ou de termos tido alguma briga séria, em todos estes anos. Sempre nos demos muito bem. Uma vez, ela me acompanhou em uma viagem até o Chuí, em que levamos dois dias para ir e dois para voltar, e nem assim, brigamos. Era uma viagem sem luxos. Dormíamos juntos na cabine do caminhão, nunca em hotéis. E para dormir em uma cabine... bom, é preciso muito amor mesmo!

Para nós, a prioridade era encaminhar bem nossos quatro filhos. O que acho que conseguimos! Celso ficou trabalhando comigo e as meninas partiram para outras áreas, de acordo com suas aptidões, onde foram bem sucedidas. Isabel fez Enfermagem e hoje tem uma clínica. Ana é arquiteta e Simone é psicóloga. Todos concluíram a faculdade, o que foi um incentivo meu e da Oldina, que não tínhamos estudado muito e sabíamos o quanto isso era importante para o futuro deles. A nossa meta, quando

decidimos formar uma família, era dar estudo para os nossos filhos, além de todo o apoio que eles precisassem para que trilhassem um caminho sólido.

E eles retribuíram esse incentivo e esforço. Hoje, todos estão bem encaminhados em suas vidas familiares e profissionais. Não há felicidade maior para um pai.

Nos anos 90, construímos mais um prédio, dessa vez, pensando em um local para que toda a família morasse, no bairro Jardim América. Um apartamento para mim e para Oldina, e um para cada um dos quatro. Plantamos plátanos na frente desse prédio que está lá, fazendo sombra na rua e calçada, até hoje.

Nossos filhos nos deram os maiores presentes: cinco netos! Primeiro chegou a Yasmin (neta adotiva, nascida em 1992), enteada de Ana, que se casou com Luiz Antonio Scola. Depois, veio a Carol (em 1996), filha de Isabel e Osvaldo von Eye; Mariana (1997) e Ana Paula (1999), filhas de Celso, que se casou com Caren Dalpiccoli; e, por último, Santiago (2000), filho de Ana e Luiz.

Foi uma alegria ser avô. Uma outra vida! Eu e a Oldina sempre fomos chegados nas crianças, então, quando nasceram esses netos, foi uma euforia total.

Ter um neto é algo que muda totalmente a vida. Eu brinco que a gente dá mais atenção para eles do que demos aos próprios filhos. O que acho que é algo normal dos avós... Quando eram crianças, eles vinham sempre na nossa casa, ou nós íamos na casa deles. Com os netos, nós nos sentimos completamente realizados.

Registro da família feito na década de 1960.



Na colônia, com parentes da família Corso.



Nossos filhos em 1967.

Morando em Caxias do Sul com os sogros.



As bodas de Ouro dos avós Bedin.



A família reunida na praia na década de 1970.



Oldina e eu, com nossa filha, Simone, e os avós Bedin.

A família na comemoração das Bodas de Ouro.



Os netos em 2009.

Em 2014, viagem da família à Itália.



Ponte Vecchio em Florença.



Com os netos no Coliseu.

Comemorando o aniversário de 80 anos na Vinícola Argenta.



Festa dos 80 anos.

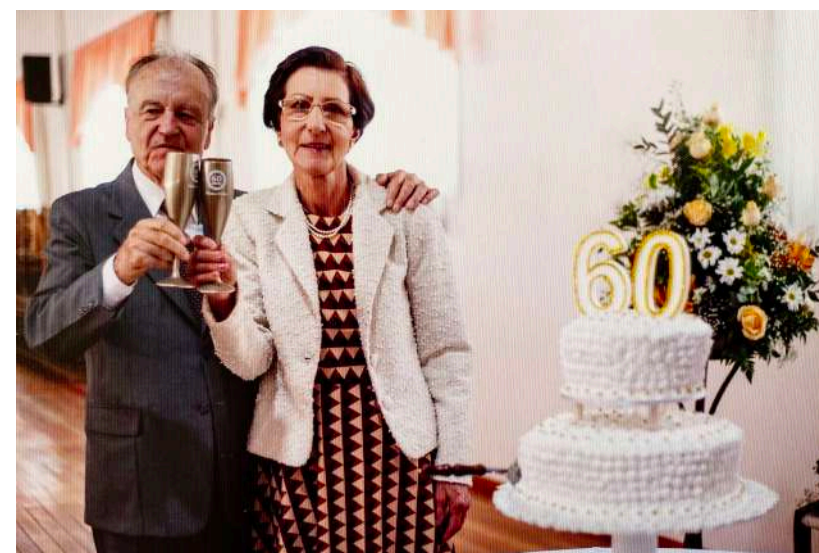
Comemoração dos 80 anos da Oldina.



Registro da comemoração das Bodas de Diamante na capela de São Bartolomeu com os filhos.



Bodas de Diamante com a família reunida.



Festa das Bodas de Diamante no salão paroquial da Linha 60.

## Capítulo V

### A vida hoje

**A** idade tem suas vantagens. E uma delas, é ter tempo para fazer coisas que não sejam trabalho. Depois de me aposentar da carreira de motorista de caminhão, comecei a tirar férias com Oldina. Com a RodoCorso, eu tinha um pouco mais de tempo e tranquilidade para poder fazer isso.

Passeamos por Fortaleza, Maceió, Natal, Rio de Janeiro, São Paulo, Foz do Iguaçu... Fomos até para Cancun! Também fizemos viagens inesquecíveis para Buenos Aires e Montevideú, destinos que visitamos mais de uma vez. Nas passagens pelo Uruguai, fomos até Punta Del Este. E em Buenos Aires, visitamos os famosos pontos turísticos. Mais recentemente, ficamos 12 dias na Itália, no verão europeu, com toda a família. Viajamos por Roma, Florença, Veneza, Verona e Milão. Era 2014, ano em que comemoramos 55 anos de casados. Sempre fizemos questão de celebrar essas datas especiais, afinal, não são todos os casais que chegam tão longe!

Ainda nos anos 80, compramos uma chácara na colônia onde morávamos. Decidimos voltar às raízes, mas dessa vez, para descansar e aproveitar. Hoje, eu e



Oldina passamos dois dias da semana por lá, onde temos uma casa muito boa (bem equipada, não como a que morávamos lá no início, que não tinha energia elétrica nem banheiros), com espaço ao ar livre, terraço, churrasqueira e fogão campeiro. É uma casa para aproveitar com quem a gente ama. Lá, eu cozinho também. Minha especialidade é o lombo à parmeggiana. E faço licores! Gosto tanto de criar licor, que meus filhos criaram até uma “marca” para as minhas garrafas: “Licor Vô Ulisses”. Na chácara, também me dedico às minhas plantações de frutas e verduras. E adoro testar algumas novidades: recentemente, plantei oliveiras e pés de mirtilo.

Parece que quando estamos na chácara algumas coisas voltam à tona, e uma delas é o italiano. Quando estamos na colônia, nem falamos português.

Gosto de ouvir música italiana também. Aliás, música é algo que ainda me encanta muito. Aprecio muitos estilos e bandas. Sempre adorei orquestras. Até alguns anos atrás, nunca perdíamos nenhum concerto. A música é algo que acompanha há muitos anos. E poucas coisas me fazem me sentir tão bem.

Eu amo tocar junto com Oldina, que me acompanha no canto. A gaita, aquela da serenata, ficou esquecida em cima de um armário depois que eu comecei a viajar e, mais tarde, foi vendida. Hoje, nossa especialidade é o dueto em que eu toco o violino, instrumento que foi presente das minhas netas.

É interessante como o cérebro não esquece algumas

coisas. A Oldina, até hoje, sabe toda a letra de Beijinho Doce e de outras músicas que cantamos juntos para a família. E de todas as pessoas do nosso convívio, ela reconhece apenas a mim.

Quando ela estava com 78 anos (sete anos atrás), minhas filhas começaram a perceber que ela estava se esquecendo de algumas coisas e se perdendo em tarefas normais do dia a dia. Depois que elas me falaram isso, eu comecei a ficar mais atento e notei que a Oldina já não era mais a mesma. É difícil enxergar isso, quando se trata da pessoa que mais amamos. Ela foi diagnosticada com Alzheimer, e desde então, tem o acompanhamento de cuidadoras na nossa casa, para que a rotina seja o mais tranquila possível, mesmo com todas as limitações.

A Oldina não se lembra mais de todas as nossas histórias. Mas eu guardo por ela, na minha memória, os nossos melhores momentos.

Juntos, vivemos (e ainda estamos vivendo) uma história de amor que poucos tiveram a chance. Nas minhas caminhadas diárias, que sempre faço questão de fazer pelo bairro, penso muito sobre o passado. Eu olho para trás e percebo que fiz a escolha certa. Não poderia ter casado com uma pessoa melhor. Nosso casamento tem amor, respeito, paciência e compreensão. E tudo isso aumentou com o passar dos anos e o peso da idade. Muita coisa mudou nas nossas vidas, especialmente depois que a Oldina ficou doente, o que deve ter sido o maior desafio que nossa família enfrentou. Mas o nosso amor seguiu intacto.

Quando a gente fica mais velho, a gente não faz mais tantos planos para o futuro. Todos os meus irmãos mais velhos já partiram. Por ordem de idade, eu seria o próximo da lista. Adoro fazer essa brincadeira! O fato é que hoje (escrevemos este livro em 2022) já estou com 87 anos e o meu lema é viver com calma. Não há mais necessidade de ter pressa nem de se preocupar tanto. Mas confesso que ainda tenho um plano. Em 2024, vamos comemorar bodas de 65 anos de casamento. São as Bodas de Ferro – material que, sem a manutenção necessária, enferruja. Assim como o casamento, que precisa de atenção constante para que não se acabe. Vamos comemorar na Capela de São Bartolomeu, onde nos casamos e comemoramos Bodas de Diamante. Quero entrar na igreja com meu violino tocando a música que fez ela se apaixonar por mim debaixo da janela, Beijinho Doce, e ela vai me acompanhar cantando do altar. Existe plano melhor do que este?

Aos quase 90 anos, você percebe que a vida é simples, como a letra dessa música (Depois que beijei ela, nunca mais amei ninguém é a mais pura verdade para mim). E que as verdadeiras histórias de amor sobrevivem apesar de todas as adversidades, mesmo quando elas afetam o que temos de mais precioso, nossas memórias. O amor de verdade é algo que é mais profundo do que isso, é uma força poderosa, algo que não está no cérebro. E por ser algo maior do que nós, maior do que poderemos jamais compreender, não tem fim.

Novos instrumentos, mas a mesma paixão pela música.



Com meu filho Celso no lançamento do livro sobre a A.C.F.

Caça ao javali.



Celso e eu como parte da história do Juventude, retratada no livro.



Produção pessoal de licores cujos rótulos foram criados pela minha filha Ana.

Alegria e descontração em participação musical com amigos.



Mais um registro que mostra que a música está sempre presente na minha vida.



Cantando com irmãos.

Relembrando o início da nossa história de amor.



Brincadeira com o violino e Oldina atenta ao chapéu de penas.



Oldina na chácara.



Flores colhidas na chácara.

Descanso na chácara.



Mais um momento com a família reunida.



Paixão eterna.

